

Notas sobre a liberdade

Liberdade

Às vezes escutamos dizer: “eu sou livre”, “eu me sinto livre”, ou ainda “eu fui libertado”. A que estas expressões se referem? Aqui eu creio que é necessário fazer algumas distinções. Existe, de fato, uma liberdade física, ou, poderíamos dizer, uma liberdade material. Tomemos o exemplo de um prisioneiro: ele não tem esta liberdade física em plenitude, pois ele não pode sair da prisão e ir aonde ele gostaria. Há, portanto, uma restrição que lhe é imposta pela lei de uma sociedade, que o impede de ter esta plena liberdade física. Tomemos outro exemplo: uma família muito pobre, que vive na rua. Ela não tem uma plena liberdade de vida, pois sua situação material lhe inflige condições indignas de vida.

Poderíamos ainda falar de um sentimento de liberdade. Por exemplo: quando eu estou de férias, fazendo um passeio ou nadando num mar calmo, em pleno verão! Vocês podem multiplicar os exemplos. Há também um sentimento de liberdade em relação a alguns esportes de risco: como o “rafting” (a prática de descida em corredeiras em equipe utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança), o “jumping”(é um esporte radical praticado por muitos aventureiros corajosos, que consiste em saltar para o vazio amarrado aos tornozelos a uma corda) e outros. Podemos ainda pensar naqueles que amam conduzir em alta velocidade, em particular os motociclistas. Oviamente que não se trata de despertar uma má consciência nas pessoas, mas a questão da moralidade de nossos atos não demora a aparecer quando falamos de ser livre ou de se sentir livre.

I - Aproximação do verdadeiro sentido de liberdade

Passemos, então, a considerar a liberdade num sentido que concerne o nosso ser criado à imagem de Deus e que fundamenta nosso ser pessoa. Esta liberdade faz de nós sujeitos responsáveis. E como tais, temos uma dignidade inalienável. Retomando os exemplos de agora há pouco: a família pobre que habita na rua está profundamente ferida na sua dignidade, pois eles estão sob o jugo de uma restrição material. Para ajudá-los a se tornarem plenamente pessoas, é necessário lhes propiciar o mínimo para viver. Para o prisioneiro, o Cardeal Danneels (Cardeal arcebispo emérito de Bruxelas) disse algo uma vez que eu penso ser justo: nossa lei civil é ainda uma lei que está sob a lei do talião “olho por olho, dente por dente”. A lei do talião tinha o objetivo de limitar o mal, a violência e assegurar certa paz. O papel de nossas leis vai na mesma linha. Por isso, não é à toa que em muitos países a pena de morte continua em vigor, e que, em outros, se façam perguntas neste sentido quando há algum assassinato, ataque etc. Muitos não hesitam em se declararem favoráveis à pena de morte quando estão em países onde esta lei não está em vigor. O Cardeal dizia a este propósito: a lei divina em Jesus Cristo, que é a lei da misericórdia, não se limita a conter o mal. Se este fosse o caso, isso seria um puro legalismo. Mas a lei de Cristo ultrapassa o mal, para ir além.

Assim, um prisioneiro que se arrepende, pode acreditar que Deus lhe dará a liberdade plena, incluindo a liberdade física. Lembre-se da cena entre Jesus e o bom ladrão.

I.a As definições da liberdade

Como dar uma definição de liberdade? Talvez já se tenha escutado, ou talvez já se tenha feito esta afirmação: “Minha liberdade termina onde começa a do outro”. Frequentemente também escuta-se dizer: «eu faço o que eu quero, pois eu sou livre». De fato, a liberdade refere-se ao “querer”. Mas como compreender este “o que eu quero”? Será um simples desejo, uma paixão, uma obsessão, um vício? ... Vejam, o que se deseja deve ser objeto de uma reflexão, de um discernimento. Por isso é que a liberdade está necessariamente ligada à inteligência.

A primeira coisa que é preciso dizer a propósito da liberdade é que ela é um dom, e um dom de Deus. Deus nos criou para a comunhão com ele, e esta comunhão implica uma liberdade para os que a vivem . São Paulo escreve aos Gálatas: “Vós, com efeito, meus irmãos, sois chamados à liberdade” (Gal 5, 15). Ou esta palavra de Jesus: “Em verdade, em verdade, eu vos digo, quem comete o pecado, é escravo. Ora, o escravo não mora para sempre na casa, mas o filho mora para sempre. Se o Filho vos libertar, vós sereis verdadeiramente livres” (Jo 8, 34-36). Nestas duas passagens fica evidente que há uma libertação realizada por Jesus. O pecado tenta nos colocar sob o jugo da escravidão. Isto é, o pecado tenta obscurecer a imagem de Deus em nós. E Jesus restaura esta imagem danificada pelo pecado.

Deus é soberanamente livre, e ele criou o homem à sua imagem. São Tomás de Aquino disse: “Pois que o homem foi criado à imagem de Deus, isso significa que ele é dotado de inteligência, de livre arbítrio e de um poder autônomo [...] ele é o princípio de suas próprias ações, pois ele tem o livre arbítrio e o controle de suas ações .

A partir destas reflexões, dou-lhes algumas definições da liberdade formuladas sob o ponto de vista filosófico-teológico. Um dicionário de teologia diz o seguinte: “A liberdade é o poder de autodeterminação, isto é, de escolher deliberadamente uma ação e a seguir na sua conduta. Criados à imagem de Deus, os seres humanos tem esta capacidade, que foi atingida pelo pecado, mas não destruída. Pela redenção, Cristo nos torna livres (Ga 5, 13; 1P 2, 16) e esta liberdade constitui a garantia da liberdade futura na glória” . É importante aqui sublinhar o aspecto da autodeterminação de si, pois este é o eixo de muitas definições da liberdade.

I. b – Os quatro momentos da liberdade

Entretanto, como acontece esta autodeterminação de si nas ações? Aqui eu me inspiro no curso de padre Olivier Bonnewijn, que nos apresenta quatro momentos da liberdade:

1) O primeiro momento é frequentemente pouco percebido. No entanto ele é absolutamente essencial. Trata-se de se deixar atrair pelo bem, de sentir de forma humana, isto é segundo a vontade deliberada, ou seja de forma voluntária. O bem a fazer em uma determinada circunstância não se impõe sempre imediatamente ao ser humano. Ele deve perceber com tudo aquilo que ele é: com seu coração, sua razão, sua fé, sua esperança, sua caridade... “O bem que me atrai é um bem real, ou é um bem aparente?” Há um apelo racional do bem. É necessário lembrar que mesmo um ato mau, com frequência, não é escolhido como tal, mas, antes, porque ele apresenta uma aparência de um bem.

Da mesma forma que é bem difícil a uma cozinheira que sente enjoio experimentar se o tempero está bom, é difícil ao homem pecador discernir o ato bom a ser feito dentro de uma determinada situação. Há todo um trabalho de educação, de aperfeiçoamento, melhoria, cura, luta contra os mecanismos de endurecimento . Não pagar sua passagem de ônibus, por exemplo, pode acabar fazendo com que alguns venham a considerar que tal ato seja “normal”, e, assim, se tornam incapazes de perceber a malícia de tal atitude. A questão da relação entre o amor, a sexualidade e o matrimônio oferece outro exemplo. Em suma, a atração racional do bem está sujeita a turbulências!

Além disso, o ato bom deve se tornar sobrenatural pela graça divina para estar à altura do Bem Supremo revelado em Cristo, a saber, a participação na vida da Santíssima Trindade, nela mesma e nos atos que ela conduz.

2) A segunda etapa é a da escolha dos meios para alcançar o bem desejado. Alguns atos conduzem ao objetivo que nós fixamos, outros não. Desejar aprender violão e comprar um tambor não teria sentido! Se eu desejo verdadeiramente aprender a tocar violão, eu preciso comprar um violão. Para isso, novamente, devo funcionar com o coração e a cabeça, com toda a força sobrenatural que me dá a fé, a caridade e a esperança. Isso também leva tempo! Em termos tomistas, diria que é necessário deliberar, levando em consideração o outro. Desejar discernir sua vocação e não colocar os meios necessários para isso, não fará as coisas avançarem. Assim também é o caso de um discernimento em relação à Comunidade.

3) Não é suficiente se deixar atrair racionalmente por um bem e escolher os meios para alcançá-los. É necessário efetivamente utilizar os meios (é necessário agir conforme os meios escolhidos). Se eu sei que o fato de olhar a televisão até tarde da noite é um mal hábito, cujo efeito será a fadiga que me impedirá de trabalhar bem no dia seguinte, ou mesmo me fará pecar (a reflexão também serve para o uso excessivo do computador!) eu devo pôr em prática os meios para mudar este mal hábito. A execução do que eu desejo e decido é parte inerente do ato da vontade. Para levar a termo este movimento de liberdade, é necessário comandar as mãos e as pernas para que se movam e realizem o que eu decidi. Então é necessário que eu

faça uma marcha material, concreta, no espaço e no tempo. Rapidamente a vontade deve se encarnar, se ela não quiser continuar num estado de simples sugestão, ou de uma simples vontade fantasmagórica.

A execução toma certo tempo. É necessário não parar no caminho. Para que um ato livre seja pleno, o homem deve ir até o fim naquilo que ele quer. Ele deve se prender à sua decisão e se colocar em atitude concreta. Ele deve permanecer fiel. Um cata-vento, que gira com o vento, não é livre. Ele não se move por si mesmo, mas pelo vento. Da mesma forma que o homem que não se fixa à execução do que realmente e verdadeiramente quer, não é livre.

4) O quarto e último momento de seu ato livre é aquele da alegria. A Alegria faz parte íntima do ato bom. Ela é seu coroamento, sua realização, sua plenitude. E ela pode ser a forma para discernir se o ato realizado era verdadeiramente bom, ou se ele apenas tinha a aparência. Sem a alegria, o ato livre resta incompleto, imperfeito. Então, existem alguns servos bons e fiéis que semeiam as sementes de talento. Para eles a palavra diz: Entrem na alegria de seu mestre! E inversamente, o jovem homem rico, foi embora com um ar triste.

Esta alegria, ou esta tristeza, será plena na outra vida. Diante de tua face, transbordamento de alegria, canta o salmista. Mas aqui na terra, o homem já possui certa experiência dessa alegria. Ele participa desta alegria eterna numa certa medida, mesmo em meio ao choro e à sede de justiça... Note-se que leva tempo para se alegrar. Este tempo, como para os três outros momentos, é essencial para o ato bom. Às vezes, sob o pretexto de eficácia, somos tentados a não consagrar a esta etapa o tempo necessário. Segundo padre Olivier, isto é um erro, pois a alegria é componente essencial do ato livre.

Em resumo, querer verdadeiramente, querer livremente, é em, primeiro lugar, se deixar atrair; em segundo, escolher os meios; em terceiro, colocá-los em prática até o fim e por último se alegrar. Para concluir, proponho-lhes a definição da liberdade formulada pelo Catecismo da Igreja Católica: “A liberdade é o poder, enraizado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isso ou aquilo, portanto, de praticar atos deliberados. Pelo livre arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade. A liberdade alcança sua perfeição quando ordenada para Deus, nossa bem-aventurança” (CCE 1731).

II - Liberdade no seio de uma comunhão

Expôs longamente as definições que damos à liberdade e suas etapas segundo o pensamento tomista. Percebemos, assim, que quando falamos em liberdade, não podemos deixar de falar da moralidade dos atos. O Catecismo da Igreja Católica, depois de falar da liberdade, introduz o tema da moralidade nos atos. Mas não trataremos deste ponto, pois isso exigiria mais tempo. Contudo, será importante o fazer em outro momento.

Quando falamos da liberdade, pensamos também imediatamente na responsabilidade. Pois é porque sou livre, que sou responsável por meus atos realizados voluntariamente. E quando pensamos na responsabilidade dos atos, é impossível fechar o homem dentro de uma bolha e conceber a liberdade de cada um limitando a liberdade do outro e vice versa. Não, nós vivemos em um mundo de relações, e é por isso que nós somos convidados a sermos responsáveis, uns pelos outros. “O que fizeste com teu irmão?” (cf. Gn 1, 9-10) pergunta o Senhor a Caim. Quando pensamos nas relações, pensamos em primeiro lugar, naquela que se refere a Deus, mesmo quando se trata de negá-lo. Então poderíamos nos perguntar: somos realmente livres em relação a Deus? Para muitos esta pergunta traz grandes embarços. Para alguns, deve-se obedecer cegamente a Deus, que tem a última palavra sobre o que devemos fazer, e basta. Outros o veem como um tirano, que nos oprime com suas leis e seus mandamentos. Evidentemente, poderíamos nos dizer que não somos assim. Mas continua sendo verdade que os mandamentos não são sempre fáceis de serem colocados em prática. Como então crer que eu sou livre para fazer o que desejo?

Remarquemos, antes de tudo, que os mandamentos de Deus são uma carta de Aliança de amor e de fidelidade concluída com o povo de Israel e com todos os homens. Então, antes da lei, há o amor de Deus que entra em comunhão com o homem. Pois esta Aliança tem sua realização e sua universalização perfeita pelo sacrifício de Jesus sobre a Cruz: não há como quebrá-la. Os mandamentos aparecem, por conseguinte, como a resposta livre do homem à esta Aliança. A obediência à Deus e a fidelidade a Ele passa pela atitude daquele que guarda os mandamentos divinos, não por causa de um medo servil, mas por meio de um amor filial.

Numa perspectiva antropológica, os mandamentos dão ao homem a necessidade de evitar a degradação do próprio homem. O pecado é uma ofensa a Deus e isto acontece precisamente porque ele destrói a dignidade do homem criado à imagem de Deus. Vejamos um exemplo: por que roubar é um pecado? Porque se priva alguém de algo que lhe pertence por direito, ou porque se desvia os bens que deveriam ser vendidos para garantir o bom funcionamento de uma empresa que deve pagar seus trabalhadores, etc. Ora, privar alguém de seus direitos fundamentais, significa ferir sua dignidade.

Isso é importante para nós, pois nós estamos inseridos em sociedades que, muitas vezes, fazem muitos “malabarismos” com as leis! A questão é: qual é a base de uma lei? Somente

um consenso de um grupo determinado ou qualquer coisa que possa ser culturalmente admitida? Todos os mandamentos são leis naturais, isto é, o homem, por sua razão, pode reconhecer o bem fundamental que Deus lhe propõe, e segui-lo, mesmo se às vezes isso não é fácil. As leis civis, quanto elas, deveriam promover sempre o bem e a dignidade da pessoa.

É necessário se dizer, ao mesmo tempo, que a relação com Deus e a sequela de Cristo se fazem por um crescimento constante. Sabemos bem que isso se realiza através de altos e baixos em nossa vida. E é por isso que é necessário não excluir o perdão de nosso caminho de libertação rumo a uma liberdade cada vez maior. Isso é o exercício da liberdade! Ao mesmo tempo, devemos nos dar conta que dependência à Deus e à sua Palavra não se opõe à liberdade do homem. Justamente porque Deus quer o pleno desenvolvimento do homem em todos os domínios de sua vida, sobretudo em relação à liberdade, dependência e liberdade crescem em proporção direta e não inversamente, como às vezes nos fazem crer.

O exercício da liberdade assume uma forma de combate num mundo que foi ferido pelo pecado. “Não faço o bem que quero, mas o mal que eu não quero fazer” (Ga 5, 17). Esta é uma observação muito lúcida de São Paulo! Logo após, observem que neste mesmo capítulo São Paulo enumera os frutos da carne e os frutos do Espírito. Assim, todo este capítulo testemunha a dificuldade de viver a liberdade à qual nós somos chamados. Mas com o encorajamento que nos vem dos dons dados por Deus. Com efeito, a liberdade é uma aventura que exige sacrifícios. Ela é um combate contra o conforto aparente que nos são oferecidos pelos pecados e pela vida longe de Deus. Muitas pessoas preferem as seguranças das correntes da escravidão. Muitas pessoas preferem deixar suas vidas passar seguindo as correntes do que dirigirem-se a si próprios. Como a parábola dos talentos: é realmente muito “repousante” enterrar os talentos, ao invés de procurar os meios para fazê-los render.

II – A liberdade na Comunidade Emanuel

Então, viver verdadeiramente uma real liberdade não será livrar-se, o tanto quanto possível, das exigências da vida, dos compromissos ou das responsabilidades. Santo Agostinho dizia: “ama e faze o que quiser”. O núcleo desta afirmação é o verbo amar, que comanda o verbo querer. Eu não preciso dizer que não se trata simplesmente de sentimento, mas de escolhas concretas nas coisas mais simples da vida. Nas escolhas que, pelo fato de serem animadas pelo amor, devem procurar o bem do homem. Elas devem tornar mais e mais evidentes sua dignidade em todas as suas dimensões. Amar e fazer o que eu quero exige também uma preparação, uma formação para o amor. Isso se traduz por engajamentos concretos na vida. Quanto mais livre eu sou, mais eu sei, com um bom discernimento, me comprometer pelo outro e pelos outros. A liberdade se vive no seio de uma comunhão, de uma família, de uma

comunidade etc. Nós aprendemos assim a crescer na liberdade, pois nosso amor é provado nas relações concretas de cada dia, e se é provado, pode crescer.

Em relação a nossa vida comunitária, nós poderíamos perguntar se ela nos dificulta ou se ela nos ajuda? Se nós aceitamos uma exigência de uma vida comunitária, que se acrescenta à nossa vida cotidiana, é justamente porque nós reconhecemos que ela é um meio que pode nos ajudar a crescer. Antes de mais nada na vida de fé, é claro, mas também na liberdade. Por quê? Porque é necessário que nossa fé seja encarnada em nossa vida. E porque a fé bem vivida em relação com o Senhor nos conduz a olhar nossa maneira de viver e de se perguntar se eu sou mais e mais livre no que eu faço a cada instante. Então a comunidade pode concretamente nos ajudar a fundar nossa liberdade no amor de Deus e do próximo.

Seria proveitoso se fazer questões do gênero: em que meus atos, minhas atitudes me colocam em comunhão com Deus e com os outros? Trata-se igualmente de crescer na maturidade (lembrem-se da definição de liberdade dada pelo Catecismo da Igreja Católica) humana e espiritual, por meio do discernimento das prioridades da vida no emprego do tempo (uma grande questão no mundo em que estamos): como eu o vou administrar tudo isso? Quais são as reais necessidades de minha vida de família, para meus filhos, para a vida de solteiro, etc?

Insisto sobre a questão do discernimento, da reflexão do que deve ser feito várias vezes na vida, a fim de definir prioridades. Isso evidentemente reflete em nossa maneira de agir e, portanto, em nossa liberdade. Liberdade para escolher as mudanças de prioridades em certos momentos da vida. (Eu era músico antes de minha conversão. Depois as prioridades já não eram mais as mesmas. O mesmo pode acontecer para um casal com filhos em idade escolar ou com filhos adultos). Estou preso ao ritmo que me é imposto? Sou realmente obrigado a segui-lo? Como encontrar o equilíbrio para conciliar minha vida de fé, na Igreja e na Comunidade, e minha vida de família, profissional e de lazer? Isso é um grande desafio para os dias de hoje.

Não podemos ser escravos do tempo, mesmo se nós devemos nos basear no tempo para saber o que nos é e o que não nos é possível fazer. Será que o tempo se serve de mim, introduzindo o stress em minha vida, fadiga desordenada, ou sou eu que me sirvo do tempo para viver neste mundo? Deus é o Mestre do tempo e nós somos seus filhos bem-amados, então... Falo em relação ao tempo, mas nós poderíamos fazer as mesmas questões em relação ao dinheiro...

II.a – A liberdade de viver sob o olhar de Deus

A esta liberdade em relação ao tempo, ao dinheiro e às coisas materiais, nós podemos igualmente acrescentar uma liberdade interior à qual, eu creio, Deus nos chama. Evidentemente, quando se trata de liberdade interior, vocês compreendem bem que isso traz repercussões no concreto da vida. Em relação a esta liberdade interior, parece-me que um elemento importante ao qual devemos estar vigilantes é a liberdade em relação à imagem que eu tenho de mim mesmo, ou que espero que os outros tenham de mim.

Quando me deixo levar pelo stress da vida, sera que é somente porque eu não consigo me organizar, ou é porque eu quero fazer como os outros para não estar à margem do que é “atual”? Quando eu não ousa dizer aos meus colegas que eu sou um cristão convicto, é simplesmente porque eu ainda não tenho coragem suficiente para fazê-lo, ou é porque tenho medo de dar uma imagem que desagrada.

Evidentemente, quando se trata de um ambiente de trabalho, é necessário ser prudente. Mas esta prudência deve ser ela também objeto de reflexão, de um julgamento racional. Vocês sabem que às vezes nós complicamos muito a vida, pois nós passamos muito tempo a imaginar, a especular sobre o que os outros vão pensar ou como reagirão.

Estes medos são sentimentos ligados ao nosso desejo de ser amado. Isto é normal e bom em si mesmo. Simplesmente, nosso caminho de libertação das amarras que nos impedem de sermos verdadeiramente o que “somos”, passa pela convicção cada vez maior de que Deus me ama profundamente e que Nele me realizo. Isto se traduz em meios concretos, pois o amor de Deus se exprime no casamento e nas outras relações. Mas uma vez que nos colocamos sob o olhar de Deus e de seu amor por nós, nós somos cada vez mais livres em relação a situações e pessoas.

Por exemplo, se estou na comunidade porque espero que os outros me amem, ou desejo que tudo que eu faço seja visto e apreciado pelos meus irmãos e irmãs, corro o risco de num determinado momento me decepcionar. Evidentemente, nós procuramos dar e receber o amor dos irmãos e irmãs, e isso faz parte de nosso apelo. Mas o que eu quero dizer é que o caminho de liberdade, que nós leva a uma maturidade humana e espiritual, implica uma aprendizagem de se saber profundamente amado por Deus e que isso pode verdadeiramente nos ser suficiente (Isto nos basta!) na terra, de uma forma imperfeita, e isso nos será suficiente em seu Reino. Se nós nos exercitamos nisso, nós poderemos ser cada vez mais livres e desapegados de tudo.

O desapego é um elemento capital para crescermos na liberdade. Pois se eu sou desapegado de meus pequenos hábitos (de meus serviços), por exemplo, eu me proporciono ocasiões de mudar, de evoluir, de crescer. Por outro lado, se eu sou apegado aos meus hábitos, que podem ser também comunitários, eu deixo pouco ou nenhum espaço para que haja ocasiões de mudanças de vida.

Por exemplo, porque há muitos católicos que às vezes tem medo da Comunidade? Porque isso os coloca questões em relação a seu modo de viver sua fé cada dia; forma esta que eles não querem mudar. Então encontram razões para não estarem em novas comunidades ou novos movimentos.

Atenção, pois nós também podemos estar nesta mesma posição criticada! Deus continua a nos surpreender. Trata-se de nos deixar surpreender por Deus (e por nossos irmãos) e de reconhecer, com paciência e muito discernimento, o fundamento sólido desta ou daquela iniciativa. Para estar numa certa atitude de disponibilidade ao crescimento na liberdade é necessário tomar a decisão de se deixar de tempos em tempos, mudar em nossos hábitos e compromissos comunitários. Aprender a não se culpar quando as coisas não funcionar como eu havia previsto e aprender a tirar o melhor partido de tudo.

Para terminar, penso em dois pontos práticos que me parecem importantes na maturação da liberdade: o primeiro é o diálogo sincero de uns com os outros. Isso passa pela aceitação de correções que nos são feitas, e também pela sabedoria de fazê-las. Não devemos ter medo da reação dos outros, pois reagimos como nos diz o autor da carta aos Hebreus: “Na verdade, toda correção não é no momento mesmo motivo de alegria” (cf. Hb 12, 11). Para curar a ferida, precisa-se tocá-la, e, mesmo com delicadeza, isso dói um pouco! Mas podemos esperar que o outro, ou nós mesmos, saiba receber a correção e aplicá-la pouco a pouco em sua vida. Isso é também um sinal de grande liberdade. Tenham cuidado para não terem grande pudor em relação a isso, e criar mais consequências negativas para o futuro. Em seguida, o segundo ponto é que nós precisamos procurar a verdade de nossas vidas em relação a Deus e aos outros. Isto só acontece numa relação de confiança com o Senhor e com os outros. Contudo, isto não significa dizer tudo a outrem. Com efeito, esta atitude exige uma simplicidade em nossa vida, uma simplicidade na maneira em que vivemos nossa fé no mundo e na comunidade, uma simplicidade na nossa relação com Deus que quer nossa verdadeira felicidade. “Se permanecerem na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8, 31 – 32).

Pe Rafael C. Fornasier

Mestre em antropologia teológica

Padre da Arquidiocese de Niterói-RJ e membro da Comunidade Emanuel